A Gralha

Numa madrugada sombria,
enquanto ponderava, fraco e desgastado
Sobre vários volumes pitorescos e curiosos de saberes esquecidos
Enquanto cabeceava, quase cochilando, repentinamente veio uma batida
Como se alguém gentilmente tamborilasse à porta do quarto
“É alguma visita,” murmurei,
“batendo à minha porta
Só isso, e nada mais”

Ah, me lembro distintamente, foi durante a sombra de dezembro
E cada brasa a morrer sozinha forjava seu fantasma no chão
Eu desejava, ansiosamente, o amanhecer; em vão, busquei emprestar
De meus livros um cessar da dor – dor pela perdida Lenora
Pela dama rara e radiante a quem os anjos chamam Lenora
Anônima aqui, para nunca mais

E o farfalhar sedoso, triste e incerto de cada cortina roxa
Me excitava, me enchia de terrores fantásticos jamais sentidos
Assim que, agora, para acalmar meu coração, me levantei, repetindo
“É um visitante à porta, querendo entrar
Alguma visita tardia à porta, querendo entrar
É isto, e nada mais”

Nesse momento, minh’alma se fortaleceu; sem hesitar, então, eu disse:
“Senhor, ou Madame, de verdade imploro teu perdão
Mas o fato é que estava cochilando, e viestes tamborilando tão gentilmente
E tão fracamente batestes à minha porta
Que mal pude te ouvir” aqui, abri a porta inteira
Escuro, e nada mais

Olhando profundamente escuridão adentro, fiquei em pé parado, imaginando, temendo
Duvidando, sonhando sonhos que mortal algum ousara sonhar
Mas o silêncio permaneceu, e a escuridão não cedeu
A Gralha

Na madrugada sombria,
ponderava, fraco e doído
Sobre inúmeras páginas de saber esquecido
Dormitando, cochilando, de repente veio o brando
Som de alguém batendo gentilmente à minha porta
“Uma visita”, murmurei, “batendo à porta, tenaz”
É só isso, e nada mais

Me recordo claramente, foi no dezembro dormente
E as brasas não mais ardentes forjavam fantasmas no chão
Almejava o amanhecer; em vão, tentei recorrer
A livros, para que a dor de perder Lenora cessasse sem dizer “mas”
Cessasse, sem me lembrar que a dama batizada por anjos é
Anônima aqui, para nunca mais

Me excitei com o movimento triste,
incerto e roxo das cortinas
farfalhantes
Enchi-me de terrores fantásticos
jamais sentidos antes
Levantei-me e repeti, para acalmar
as veias palpitantes:
“É uma visita à porta,

Ali, minh’alma foi forte;
aproveitando, então a sorte
Disse “Senhor ou Senhora,

E a única palavra dita foi o sussurro
“Lenora”
Isso eu sussurrei, e um eco
murmurou de volta “Lenora”
Meramente isso, e nada mais

Me virando de volta ao aposento,
minh’alma inteira em chamas
Logo mais ouvi outra batida, um
pouco mais alta que antes
“Certamente,” eu disse “é algo na
treliça da janela
Deixe-me ver, então, o que há, e
explorar este mistério
Deixe meu coração aquietar-se por
um momento, e explorar este
mistério
É o vento, e nada mais”

Abri a janela bruscamente, quando,
cheia de flertes e voltas
Uma gralha imponente adentrou,
dos dias santos de outrora
Não fez nenhuma reverência; não
pausou ou ficou por um minuto
Mas, com jeito de Senhor ou
Senhora, se empoleirou acima da
porta
Se empoleirou num busto de Palas
acima da minha porta
Se empoleirou, sentou, e nada
mais

Então, o pássaro de ébano,
seduzindo minha tristeza num
sorriso
Pelo semblante grave e severo que
carregava
“Apesar de não ter crista, tu” eu
disse “não és covarde, com certeza
Gralha assombrosa, mórbida e
anciã, vagando na costa noturna
Diga-me teu nome cristão, na costa
plutoniana da noite”
Disse a gralha: nunca mais

Muito me maravilhei ao ouvir tal
ave desajeitada discursar tão
simplesmente
Apesar de sua resposta não
carregar muito significado ou
relevância
Porque devemos concordar que
nenhum ser humano
Já foi abençoado com a visão de
um pássaro sobre sua porta
Ave ou besta no busto esculpido
sobre sua porta
De nome tal como “Nuncamais”

Mas a gralha, solitária no busto plácido, disse apenas
Aquelas palavras, como se nelas sua alma jorrasse
Nada mais enunciou; nenhuma pena levantou
Até que eu murmurasse “outros amigos voaram até aqui
De manhã ela me deixará, como minhas esperanças fizeram antes
Então, a ave disse “nunca mais”

A resposta tão bem dita quebrou a quietude e me sobressaltou
“Sem dúvidas,” eu disse, “o que diz é seu único inventário
Adquirido de algum mestre infeliz, cujo destino impiedoso
Seguiu rápido e mais rápido, até que suas músicas carregassem um único fardo
Até que o hino fúnebre de sua esperança carregasse esse fardo melancólico
De nunca- nunca mais

Mas a gralha, ainda seduzindo minha tristeza num sorriso
Me fez arrastar uma poltrona acolchoada à frente dela, do busto e da porta
E, me afundando no veludo, tratei de conectar
Ideia a ideia, pensando no que este pássaro ominoso de outrora
No que este pássaro ominoso, mórbido, desajeitado, assombroso e esquálido de outrora
Quisera dizer, grasnando “nunca mais”

Isso me comprometi a adivinhar, mas sem expressar sílaba
À ave cujos olhos flamejantes agora queimavam meu peito adentro

Isso e mais me perguntei, sentado, cabeça inclinada
No forro de veludo da poltrona, sobre o qual a luz da lâmpada regozijava
Mas em que forro de veludo violeta, com a luz de lâmpada se regozijando
Ela se deitará, ah, nunca mais!

Então, pensei, o ar ficou mais denso
Perfumado por um incensário invisível
Balançado por Serafim, cujas pegadas tilintavam no acolchoado
“Maldito!” gritei “Teu Deus emprestou-te; por estes anjos enviou-te
Descanso! Descanso e nepente para estas memórias de Lenora

Dê um gole, dê um gole da gentil nepente e esqueça a perdida Lenora”
Disse a gralha: nunca mais

“Profeta!” eu disse, “coisa do mal!
Profeta, sim, seja ave ou demônio
Caso enviado pelo Tentador ou descartado pela tempestade à praia
Desolado mas audaz, nesta terra deserta e encantada
Nesta casa assombrada por horrores, diga-me, verdadeiramente, eu imploro!
Há- há mesmo um bálsamo em Gileade? Diga-me, diga-me, eu imploro!
Disse a gralha: nunca mais

“Profeta!” eu disse, “coisa do mal!
Profeta, sim, seja ave ou demônio

Pelo Paraíso que se dobra acima,
pelo Deus a quem ambos adoramos
Diga a esta alma carregada de sofrimento, se no Éden distante
Agarrará a dama santa a quem os anjos chamam Lenora
Agarrará a dama rara e radiante a quem os anjos chamam Lenora
Disse a gralha: nunca mais

“Que seja esta nossa despedida, ave ou demônio” guinchei, incisivo
“Retorne à tempestade e à costa plutoniana da noite
Não deixe pluma negra como penhor da mentira que tua alma proferiu
Deixe minha solidão intacta; deixe o busto sobre minha porta!
Tire teu bico de meu coração e tire tua forma de minha porta!”
Disse a gralha: nunca mais

E a gralha, sem esvoaçar, ainda senta; ainda senta
No busto pálido de Palas, bem acima de minha porta
E seus olhos aparentam ser os de um demônio que sonha
E a luz de lâmpada, fluindo sobre ela, joga sua sombra ao chão
E minh’alma, da sombra que jaz, flutuando ao chão
Se levantará nunca mais.